

Contribuinte cobra o governo

Do ponto de vista de Antônio Ferreira da Mota, residente na Ceilândia Norte, à quadra 23, conjunto "M", lote 2 — onde funciona também um barzinho, de sua propriedade — "A violência diminuiu muito, mas a lama e o asfalto estragado, mais a poeira e o lixo, prejudicam a cidade-satélite". Ele diz que quando chove na Ceilândia "a gente não passa nem para a casa do vizinho, tal é o rio que corre nas ruas".

Antônio mora neste local

desde a criação da cidade, egresso que foi da invasão da Vila Tenório, no Núcleo Bandeirante, "não removido, mas por conta própria, acreditando na cidade que estava surgindo". Para o governo ele tem sugestão: que se repare os calçamentos e asfalto e se faça a urbanização completa da Ceilândia.

"O governo deveria ajudar mais, a gente tem boa vontade de pagar os impostos em dia", acrescenta. Contemplando as

crianças que brincam na chuva, contrafeito, adverte do perigo de pegar doenças contagiosas, por causa inclusive do lixo que desce junto à água. Antônio, como outros comerciantes, se vê prejudicado nas suas vendas devido à falta de sistema pluvial. A chuva corrói o asfalto, faz valas fundas que isolam o comércio, impedindo a chegada de possíveis fregueses. E garante: "Este ano não conseguiram nada estragado nas ruas destas quadras".



Antonio Ferreira